

Mais de 85 por cento dos docentes nunca viveu fora da universidade

Mais de 85 por cento dos docentes, nas escolas de engenharia, nunca viveu, nem trabalhou fora da Universidade, declarou o director-geral do Ensino Superior, Clemente Pedro Nunes, na recente cerimónia de assinatura de três novos centros do Instituto de Desenvolvimento de Novas Tecnologias (Uninova), no Monte da Caparica, uma unidade que recebeu, na mesma altura, a visita do Presidente da República.

Considerou aquele quadro superior do Ministério da Educação que seria desejável que os professores universitários passassem os seus anos habituais na indústria. Em contrapartida, também técnicos da indústria deveriam estagiar e ensinar na Universidade.

«Os sintomas são já alarmantes e a tendência é ainda para um progressivo agravamento», acrescentou Clemente Pedro Nunes.

Segundo ele, a autonomia do pensamento científico universitário deve significar «independência, isenção, rigor e exigência de qualidade».

Por isso, o director-geral do Ensino Superior pensa que essa autonomia deve ser garante de que «não haverá lugar a servi-

lismo ou a promiscuidades com o mundo empresarial».

Para Clemente Pedro Nunes, a Universidade e as empresas são dois parceiros «condenados a entenderem-se, não a substituírem-se» no exercício de funções.

Segundo este técnico, sem os necessários centros de investigação, a indústria portuguesa, designadamente a química, não estará em condições de vencer na Europa Comunitária.

Deu como exemplo do «passado contíguo» que actualmente se verifica em Portugal neste domínio o facto de apenas 0,5 por cento dos 2600 docentes portugueses em ciência e tecnologia trabalhar a tempo inteiro no sector produtivo.

Os restantes 99,5 por cento são docentes de carreira no ensino superior ou trabalham em laboratórios do Estado.

153 empresas na investigação

Mas outras revelações foram ali feitas. A percentagem das empresas que se preocupam com investigação é inferior a 1 por cento das que possuem mais de cinco trabalhadores. Por outro lado, apenas 153

empresas portuguesas dizem desenvolver actividades de investigação — afirmou na mesma ocasião, o director do Instituto de Desenvolvimento de Novas Tecnologias, Leopoldo Guimarães.

O Director do Instituto explicou que a inovação permanente a que as empresas se vêem hoje obrigadas a fazer recorrer a estruturas próprias de investigação — praticamente inexistentes em Portugal — ou as universidades e laboratórios estatais. Já que também estas não têm condições de trabalhar para resultados susceptíveis de utilização directa na indústria e serviços.

Leopoldo Guimarães disse que o Uninova — que pertence à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa — constitui hoje o primeiro parque de ciência e tecnologia em Portugal que está de acordo com os critérios da CEE.

Vinte e seis empresas e instituições portuguesas estão hoje já a trabalhar com este instituto, que dispõe a partir de agora de três novos centros: inteligência artificial, robótica inteligente e excelência para o ambiente.

Política-Professores